

PEDAGOGIA SOCIAL E SISTEMA SOCIOEDUCATIVO: DIÁLOGOS POSSÍVEIS

Margareth Martins de Araújo

PEDAGOGIA SOCIAL, UMA PEDAGÓGIA SENSÍVEL

Chorei, não procurei esconder

Todos viram, fingiram

Pena de mim, não precisava

Ali onde eu chorei

Qualquer um chorava

(Noite Ilustrada)

Há de se ter sensibilidade para conviver com os frutos de uma sociedade excludente como a nossa. É necessário olhar para situações difíceis, refletir sobre elas e tentar, a partir de onde estamos algo fazer. Como professora sempre pensei ser a escola o meu campo de ação-reflexão... Ledo engano. As múltiplas configurações sociais exigem alçar novos voos, habitar outros espaços e enxergar o invisibilizado. O texto a seguir é a tradução de um momento novo e difícil, porém necessário. Integra o livro: *Ações Socioeducativas: Estudos e Pesquisas*, DEGASE, Rio de Janeiro, 2016. É oportuno trazê-lo aqui para que possamos dar cada vez mais visibilidade ao tema. Vamos a ele.

A Pedagogia Social como um componente da Pedagogia que se responsabiliza diretamente com a inclusão das crianças em situação de vulnerabilidade social no universo escolar. Quanto mais a população de um país é entregue a própria sorte, maior se faz a necessidade da Pedagogia Social, que se traduz em um fazer pedagógico voltado para a realidade das crianças e adolescentes expostos a todo o tipo de dificuldades oriundas de uma educação direcionada para um público com valores e necessidades bem diferentes. Dificuldades estas que não abrangem apenas o âmbito educacional como também o social, o político e o afetivo, por exemplo.

Ao abraçarmos a Pedagogia Social como tema de trabalho, como foco do nosso interesse, como questão reflexiva, o fizemos por perceber o quanto precisamos aprender com os sujeitos do flagelo social brasileiro para com eles trabalhar. São milhões de crianças e jovens que não se vêem contemplados no cotidiano das escolas, que se sentem alijados de um processo do qual seus próprios pais e avós, quem sabe, também o foram e, por mais que possa parecer uma “questão hereditária”, trata-se de um processo histórico de exclusão que, ao longo dos anos, transforma em marginais seres humanos capazes, competentes e brilhantes.

Quase nada do que aprendi me auxilia para com eles lidar. É preciso me formar, me alfabetizar em uma nova forma de ser e estar educadora para construir um novo sentido para o magistério por mim exercido. Penso existir, em algum lugar, educadores que comunguem com minhas ideias, são para eles e com eles que abrimos um espaço de trabalho como este. As questões investigativas aqui contidas, são construídas, principalmente, na dor, no calor do exercício de um fazer que se impõe a cada dia, a cada hora. Não diferente, suas respostas são oriundas do amor, do compromisso forjados a ferro e fogo no cadinho da existência humana. Apenas um educador capaz de enxergar-se em seus educandos, será capaz de ao resgatá-los do processo de indigência educacional em que se encontram e, ao resgarem também se resgatam.

Aproximação com o sistema socioeducativo, para alguns educadores sociais, pode se constituir em um misto de alegria e tristeza. Alegria por conseguirem um novo espaço de trabalho e tristeza por travar contato direto com jovens em situação de privação de liberdade. Uma sensação de tempo perdido e de inoperância poderá invadi-los, mas não imobilizá-los. Dessa aproximação poderá nascer a possibilidade de construção de novas ações socioeducativas, coletivas e solidárias. Estão na fronteira, no limite de suas percepções e ações.

Por estarem imersos no limite importa observar que, para Morin (1990): *No limite tudo é solidário. Se tendes o sentido da complexidade tendes o sentido da solidariedade. Além disso, tendes o sentido do caráter multidimensional de qualquer realidade.* (p.100).

Para os que se dedicam à educação é como se fosse um confronto direto com o próprio fracasso. Um fracasso que também é histórico, político e social.

Um fracasso de toda sociedade que falhou ao educar seus filhos. Há um Provérbio Africano que diz: *É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança*. Qual a ou as partes da nossa aldeia falhou ou falharam na educação dos nossos jovens? Qual foi a dinâmica que construiu aquele fato? Como chegaram até ali? Como será o futuro após uma experiência como essa que marca tão profundamente a existência humana?

Ao participarem de encontros formadores de educadores sociais em sistema socioeducativos, alguns se questionam: Onde estarão? O que estarão fazendo nesse exato momento? Como são tratados? Quem os ampara em momentos de frio e de dor? Quais aprendizados acumulam? Por onde passa a educação que recebem? Que direitos têm os privados de direitos? São tantas as indagações que merecem ser registradas para posterior exercício de compreensão.

Visualizar jovens algemados gera, nos militantes da educação, gera certo impacto e indignação capazes de funcionar como energia propulsora de um novo fazer. Para além de chorar, é preciso reagir e construir propostas de superação. Trabalhar durante todo o processo educacional, de forma preventiva, não é nada fácil, mas trabalhar com os excluídos do sistema, de forma curativa, é mais desafiador ainda. A Pedagogia Social também deles se ocupa.

Pedagogia Social e educação social

Educação é um processo social, é desenvolvimento. Não é preparação para a vida, é a própria vida.

(John Dewey)

Reflexões acerca da educação, de crianças e jovens em situação de vulnerabilidade, são sempre bem vindas, nos remete a um fazer pedagógico que, necessariamente, precisa considerar seus textos e contexto de emergências. Por contexto de emergências compreendemos o estado de sofrência humana no qual muitos se encontram. A pobreza, o desemprego e a

fome, aliados ao descaso dos governantes para com essa parcela da população, se tornam se diretamente tornam responsáveis, pela produção da desigualdade social crescente de forma desgovernada e irresponsável, matando sonhos, exterminando o futuro, tramando contra a vida.

O contexto de emergência obriga, os atores sociais com os quais trabalhamos, incluindo familiares e núcleos de convivência, a descobrir ou até mesmo criar novas formas de sobrevivência. Os obriga a reinventar a vida, a viver um dia de cada vez, não por falta de planejamento ou organização, mas por falta total de perspectiva.

Creio não ser difícil, através de um breve exercício de empatia, no qual nos coloquemos, apenas por alguns minutos, mesmo que de forma imaginária, em seus lugares e absorver a dor que emana do seu sofrimento, as emergências que atuam cotidianamente em suas vidas e a dureza da exclusão histórica, política, social, educacional, e econômica. Algumas vezes pergunto-me: “A escravidão acabou ou sobrevive através de múltiplas e diferentes formas?” Os escravos de hoje são descendentes diretos dos ontem, os presídios os atuais navios negreiros e os senhores de escravos os governantes. São sucessivas gerações de abandono, uma trama macabra e violenta contra a cidadania brasileira, contra os filhos da pátria, contra a vida! Trata-se de um autêntico atentado contra a humanidade. Por mais improvável que possa parecer, como diz Cazuzu: *Eu vejo o futuro repetir o passado.*

Atualmente, crianças e jovens se vêm às voltas com formas diferenciadas de viverem suas infâncias e juventudes, de se moverem no mundo, de ser gente, pois vivem em um contexto de emergência que os obriga a descobrir ou até mesmo criar novas formas de sobrevivência. Reinventam suas vidas em contextos adversos e tentam como podem se por de pé na vida, apesar das projeções a eles destinadas. É preciso viver esse jogo é preciso reinventar a vida, é preciso outras infâncias e outras juventudes. Volto a me questionar: Como fazê-lo juntos aos que privados estão de sua liberdade? Realmente deveriam estar privados de liberdade? Não seria o caso de colocar em ação lápis e livros? Segundo Monteiro Lobato: *Um país se faz com homens e livros.* Será melhor será nossos governantes locar verbas no presente e no futuro com a privação de liberdade no lugar de construir o futuro com educação?

Vejamos alguns dados que podem nos auxiliar no aprofundamento das nossas reflexões, publicadas no site Dourados Agora: *Enquanto o país investe mais de R\$ 40 mil por ano em cada preso em um presídio federal, gasta uma média de R\$ 15 mil anualmente com cada aluno do ensino superior — cerca de um terço do valor gasto com os detentos.* Algo no mínimo intrigante ocorre aqui, pois verbas existem, mas quem as administra? A favor de quem administram? Não seria no mínimo coerente alocar verbas na educação — forma preventiva de administrar, do que na detenção — forma curativa de administrar? Que tal educação integral em horário integral no lugar de presídios desintegrados em horário integral? A quem interessa esse estado de coisas? O que estão construindo nossos governantes através de suas políticas públicas equivocadas que, ao longo de décadas diz, de forma interdita que: *Vale apenas roubar?*

É com profunda estranheza que verifico, ao longo de décadas, em nome de uma pseudo justiça social e com narrativas justificadoras perante a sociedade, os vários programas sociais como: Bolsa Família, Auxílio aluguel, Programa Minha Casa Minha Vida, Brasil Carinhoso, Farmácia Popular, Merenda escolar (O mais antigo), entre outro; se perpetuarem, virarem regra quando deviam ser exceção. É evidente, quem vive em contexto de emergências tem pressa, é preciso fazer algo com urgência, mas mantê-los em situação de indigência; fazendo dos programas sociais moedas troca (voto), sem de fato existir a mínima possibilidade de geração de emprego e de renda, é no mínimo revelador do desinteresse existente, por parte dos governantes, de retirar a população da situação na qual se encontra. Parece que o jogo que está sendo jogado é: *dar dinheiro, mas não dar poder...* Para manter a todos subservientes, dóceis, submissos e necessitados. Vale a pena ressaltar que o poder advindo do conhecimento liberta e um povo instruído se liberta.

Vale a pena sinalizar que o montante individual utilizado por cada programa é inversamente proporcional aos auxílios recebidos por políticos no exercício de suas funções. Quando trocarão a política de enriquecimento ilícito por uma política governamental lícita? Parece-nos que a inversão de valores nos trouxe ao caos social em que estamos imersos. É uma construção humana, possível de ser modificada através do exercício de uma justiça social pautada na criação de emprego e na geração de renda. Retirar o povo

brasileiro do estado de indigência em que foi colocado significar fazer o país crescer para todos, de forma ampla e democrática.

Outros dados do site Dourados Agora nos informa que *na comparação entre detentos de presídios estaduais, onde está a maior parte da população carcerária, e alunos do ensino médio (nível de ensino a cargo dos governos estaduais), a distância é ainda maior: são gastos, em média, R\$ 21 mil por ano com cada preso — nove vezes mais do que o gasto por aluno no ensino médio por ano, R\$ 2,3 mil.*

Má administração financeira gera esgotamento de verbas e colapso financeiro em qualquer gestão e demanda tempo, muito tempo para corrigir equívocos e, em especial na área política de uma nação. Há uma entropia, seguida de miopia na forma pela qual nossos governantes atuam levando ao atual quadro no qual se encontra nossa sociedade.

Hoje a mídia escrita e televisiva anunciou que o Brasil alcançou, em três meses, a triste marca de um milhão de desempregados. Para nós o desemprego é uma das maiores formas de violência que uma população pode estar exposta. Traz indignidade, revolta e desesperança. É geradora múltiplas violências, entre elas o ingresso de jovens em sistemas socioeducativos. Muitos que ali se encontram, furtaram para se alimentar.

É evidente que, em um sistema cuja superlotação seja a tônica, a qualidade de atendimento deixa de passar apenas pela locação de verbas. Acreditamos que deva passar, principalmente pela atitude preventiva por parte de todos os profissionais que atual no governo e no sistema. Se não reinventarmos outra concepção pedagógica para compreender os fatos e tratarmos da origem e não dos efeitos, acabaremos por ter nas mãos um sistema inadministrável. É como criar um monstro que, com o passar do tempo, se voltará contra seu criador.

Um dos sinais de maturidade encontrado no desenvolvimento humano é a condição que temos de nos responsabilizar por nossos atos. Ao olhar a situação do Sistema Socioeducativo, como estrangeira que sou, é muito fácil perceber a existência de algo muito errado. Não é preciso ser matemático e nem realizar grandes operações para detectar que em um sistema onde a entrada é cada vez maior do que a saída, e a retenção se prolongam por muito tempo, em breve algo ocorrerá.

Observem uma fala recorrente entre profissionais do sistema:

Isto aqui é uma panela de pressão pronta para estourar.

A competência de acompanhar o sistema de perto, de forma compromissada e responsável parece-nos ser de todos. Olhando de fora, tudo nos leva a crer a inexistência de uma ação integrada entre todas as equipes e setores do governo para que, longe da fogueira de vaidades, reflitam sobre a concretude do real e passem a trabalhar de forma integrada sobre como superar o estado atual no qual o sistema se encontra.

Dúvidas em relação à possibilidade organizativa e teórico-prática, por parte dos profissionais que compõe o sistema, não as tenho, mas habita em mim a clareza da necessidade urgente da ação integrada onde o planejamento, a execução, a avaliação e o replanejamento das ações sejam constantes sempre perpassadas pelo diálogo, pela escuta sensível (Barbier, 1999-2000), e pelo respeito ao dito pelo outro. Dentro da perspectiva da Pedagogia Social todos que trabalham no sistema, direta ou indiretamente, educam. Se, trabalhamos em um sistema socioeducativo, lidamos com educadores, independente da função que assumem. Este fato nos remete ao entendimento de que nossas armas devam ser lápis, cadernos, livros, diálogos e exemplos.

Educar pelo exemplo é, permanentemente, a metodologia principal a ser trabalhada pelo educador social. Dentro de um sistema socioeducativo, cabe perguntar: A quem nossos jovens têm como exemplo? Sabemos que nossas crianças e jovens precisam de valores, princípio e limites... Quais os valores, princípios e limites são passados, através dos exemplos, pela e na socioeducação? Quem se responsabiliza por eles? Privar de liberdade apenas, não adianta. A visão punitiva, e nada formativa que, ao longo dos anos trabalhamos com essa questão gerou a “panela de pressão” mencionada inúmeras vezes por profissionais da área. É preciso desconstruí-la, através de ações humanizadas e éticas que valoram o ser humano. Cabe lembrar os versos da música “Volta por cima” de Noite Ilustrada: *Chorei, não procurei esconder / Todos viram, fingiram/ Pena de mim, não precisava/ Ali onde eu chorei/ Qualquer um chorava (...)*

Eles já estão “na cruz”... Inclusive com uma “coroa de espinhos...” Eles e suas famílias... Qual o seu papel? Julgar? Classificar? Excluir? Ou compreender, acolher, amparar e auxiliar no processo de superação? Olhem para eles, são como você... O que os fez desviar... Já pararam para compreender que são frutos de uma sociedade doente como a nossa que produz o infrator para penalizá-lo. Já ouviram suas angústias? Sabem sobre seus sonhos? Já se colocaram em seu Lugar? Já pararam para pensar que emprestam suas vidas para que possamos olhar para esse sistema espoliador, degradante e desumano ao qual pertencemos?

PEDAGOGIA SOCIAL, A PEDAGOGIA DA SUPERAÇÃO

*Dar a volta por cima que eu dei
Quero ver quem dava*

Nós da Pedagogia Social, ao olharmos para a questão do erro, trazemos a certeza de que ele pertence ao humano: *Quem nunca errou atire a primeira pedra...* Acreditamos que os erros podem e devem se constituir em possibilidades de acertos, através da qual aprenderemos refletindo, nos reorganizando, nos preparando para ser e estar cada vez melhor. Já diziam os gregos: *O ser humano existe em devir...* Por que damos sentido de totalidade às partes? Por que não somos capazes de exercitar a compreensão, a inclusão no lugar do julgamento e da exclusão?

Concordo com a punição do erro, mas penso que o estreitamento dos limites e as organizações de novas regras possam ser mais eficientes do que a reclusão. Para John Dewey: *Educação é um processo social, é desenvolvimento. Não é preparação para a vida, é a própria vida.* Sendo a educação um processo social, nos parece desrespeito a esse princípio privação de liberdade... Que tipo de desenvolvimento é realizado? Para o auto educação é vida e não preparação para a vida... Ao interromper sua vida e não prepara-la para que sejam mais, superem seus erros e evoluam ... O que fazemos então?

O trabalho da pedagogia Social nos permite afirmar a existência de um tripé que se constitui em um desafio permanente para o Educador Social: o

primeiro pilar é o da construção de sua própria identidade. Uma identidade que só faz sentido atrelado ao outro; ou seja, ao aluno. O segundo o da aceitação, é preciso aceitar seu aluno como ele é, com suas histórias e memórias, com seus textos e contextos de emergências. É possível afirmar que o processo de aceitação do outro passa, principalmente, pela própria aceitação, caso contrário, não passará de mero discurso representado por palavras soltas ao vento. Falamos, portanto, de testemunho vivo de um fazer capaz de por em diálogo o binômio teórico- prático, invocando permanentemente a questão da coerência, o que nos é bastante desafiador. E finalmente, porém não menos importante, o terceiro pilar é o da responsabilidade. Para além de se identificar com os educandos e neles se reconhecer e, aceitá-los em sua legitimidade, o Educador Social precisa responsabilizar-se por eles. Responsabilizar-se a tal ponto por seu fazer pedagógico que será impensável não incluir o sucesso dos educandos no rol do seu próprio sucesso. Falamos, portanto, de uma relação de pertencimento capaz de compreender educador e educando como partes integrantes de uma mesma realidade, não fazendo mais sentido a existência de um sem o outro.

Ao refletir sobre os jovens em situação de privação de liberdade muitos questionamentos são construídos e os mesmos passam a nos acompanhar por toda vida. O Rio de Janeiro obteve, nas últimas semanas, temperaturas muito baixas, algo em torno de 10-15 graus, frio para os padrões cariocas. Dificilmente passamos ao largo dessa situação sem pensarmos como eles estarão. Terão agasalhos, calçados, meias? Terão o mínimo de conforto para passarem o frio? Era preciso além da privação de liberdade passarem por tanta penúria além daquelas que estiveram expostos desde a infância? É preciso colocar-se no lugar do outro, nos libertando das amarras da nossa formação, livres de conceitos e preconceitos.

A seguir, através de contextos interativos, demarcaremos fronteiras e possibilidades de vir. Para isso é preciso compreender o educador social reflexivo como aquele profissional que percebe o teor pedagógico existente na prática e busca com ela aprender. A reflexão passa a ser uma forte aliada para as práticas de sucesso ao se falar em socioeducação. É com padre Antônio Vieira, ao falar sobre o modo de diagnosticar dos antigos, que aprofundaremos nossos achados agora: *sacrificavam os animais; consultavam-lhes as*

entranhas e, conforme o que viam nelas, assim prognosticavam. Não consultavam a cabeça, que é o assento do entendimento: senão as entranhas, que é o lugar do amor; pois não prognostica melhor quem melhor entende, senão quem mais ama. (...) Não há lume de profecia mais certo do que consultar as entranhas dos homens. De que homens? De todos? Não, dos sacrificados. (...) Se quereis profetizar o futuro, consultai as entranhas dos homens sacrificados: Consultem as entranhas dos que se sacrificaram e dos que sacrificam: e o que elas disserem, isso se tenha por profecia.

Por não separa o pesquisar do viver, o educador social reflexivo parte do princípio fundamental do ensinar a todos e a cada um. É possível afirmar a inexistência de uma pedagogia que o faça abrindo mão da convivência e do diálogo. O segredo de ensinar a todos e a cada um está dentro de cada um. É preciso que o educador social reflexivo, através de movimentos de interação e de interlocução, aprenda com os educandos sociais, como ensiná-los. Cada um com um tipo de inteligência e com sua singularidade dará o tom do aprendizado.

Observar, viver e conviver, planejar, construir e reconstruir práticas alternativas de superação pedagógica para ensinar cada vez mais e melhor a todos e a cada um. Percebemos que não há receita de bolo. Cada caso é um caso, mas é possível afirmar a existência de saberes acumulados permissores de multiplicação. A partir da compreensão de práticas locais e globais, o educador social reflexivo será capaz de avançar em sua *odisseia* marcada pela tenacidade, disciplina e coragem. Como disse uma das jovens por nós pesquisada: *É preciso do nada tirar o infinito*. Eis a alquimia cotidiana do educador sócia: fazer fluir vida em contexto de morte. Por mais pesado que possa parecer, basta observar o cotidiano de cada um e verão que é realidade.

Segundo Humberto Maturana (1998), realizar reflexões acerca da situação política de seu país, o Chile, nos alerta: *A aceitação do outro como um legítimo outro na convivência constitui a convivência social como a única convivência na qual o modelo de conviver surge e se dá na aceitação, e não na negação que surge na exigência de que o outro seja diferente. Não é o medo do castigo que detém o crime na vida social – ele simplesmente não aparece. O crime surge depois que a convivência social tiver se rompido.* (p. 83).

Aceitar o outro em sua legitimidade se faz necessário, nas práticas socioeducativas não é diferente. Importa acolher o dito para ressignificar práticas. Trata-se de um exercício cotidiano capaz de nos fazer paulatinamente desenvolver uma *escuta sensível* (Barbie, 2010), evitando a surdez permanente que tomou conta de inúmeras instituições. É preciso considerar que, em se tratando de gente, seres humanos, há de se ter diálogo, e não monólogo. Abrir mão da hierarquia do saber- poder através do exercício permanente de humildade também contribui para o fortalecimento dos processos de aceitação. Aceitar o outro em sua legitimidade, significa, dentre inúmeras possibilidades, principalmente, aceitá-lo por inteiro, como é, sem restrições ou atitudes hierarquizadas.

Através da Pedagogia Social é possível afirmar que o ser humano aprende com o corpo inteiro, sendo necessário repetir objetivos e não as atividades. Como fica essa afirmativa diante da socioeducação? Quais as possibilidades de aprendizagens que estão expostos os jovens sem situação de privação de liberdade? Quais os ensinamentos marcarão seus corpos e mentes? Quem são os verdadeiros educadores sociais que os ensinam pelo exemplo? Quais são os exemplos aos quais estão expostos? Como ensinar com e na privação de liberdade se acreditamos que educar é vida?

O século XX não conseguiu diminuir as diferenças entre ricos e pobres, alfabetizados e não alfabetizados, entre tantas outras situações fortemente marcadas por questões de raça, de gênero, de etnia. Os jovens em situação de privação de liberdade, em sua grande maioria, são afrodescendentes e, oriundos de famílias que tiveram seu direito à escolarização negado. Trata-se de uma construção humana, possível de ser transformada. É preciso que educadores sociais e autoridades governamentais olhem para o que está ocorrendo e se responsabilizem por mudar esse quadro catastrófico no qual esses jovens se encontram.

Eis o nosso apelo a juízes, promotores, advogados, profissionais envolvidos com a interdição humana. Olhem com solidariedade, compaixão e humanidade. Cooperem para que o bem floresça a partir da correção de condutas face ao erro. Com firmeza e sem rigidez, com ética e estática educamos jovens para uma vida melhor. Sei ser tarefa para muitos, mas ... É toda aldeia... Lembrem?

Mais uma vez recorro a Noite Ilustrada: *Reconhece a queda e não desanima/ Levanta, sacode a poeira e / Dá a volta por cima*. Assim encerro essa reflexão afirmando ser a Pedagogia Social em espaços de privação de liberdade, a pedagogia da volta por cima!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARBIER, R (1999/2000). **O educador como passador de sentido**. Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, cátedra UNESCO de Educação a Distância, 3º Curso de Especialização em Educação Continuada e a Distância.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática Educativa**. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1996.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 1998.

MORIN, Edgard. **Introdução à teoria da complexidade**. Lisboa, Instituto Piaget, 1996.

SITES:

www.dourados.aga.com.br

www.vagalume.com.br